

## À SOMBRA DO *AMERICAN DREAM*: LITERATURA E CRÍTICA SOCIAL EM *NATIVE SON*, DE RICHARD WRIGHT

Vera Lúcia Lenz Vianna da Silva<sup>15</sup>

Ívens Matozo Silva<sup>16</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivos desenvolver algumas considerações sobre a representação da experiência negra durante o período da segregação racial no romance *Native Son* (1940), assim como procurar apontar as estratégias estéticas presentes na narrativa para problematizar a identidade do seu protagonista. Para tanto, baseamo-nos nos estudos de Charles Taylor (1997), Chris Barker e Dariusz Galasinski (2001), Kathryn Woodward (2005), Stuart Hall (2006) e Eric Landowski (2012).

**Palavras-chave:** *Native Son*. Identidade. Alteridade. Diferença. Preconceito.

### Abstract

The present paper aims at developing some considerations about the African-American experience during the racial segregation period depicted in the novel *Native Son* (1940), as well as attempting to highlight the aesthetic strategies presented in the narrative to discuss its protagonist's identity. We based our analysis on the theories developed by Charles Taylor (1997), Chris Barker e Dariusz Galasinski (2001), Kathryn Woodward (2005), Stuart Hall (2006) and Eric Landowski (2012).

**Keywords:** *Native Son*. Identity. Alterity. Difference. Prejudice.

## INTRODUÇÃO

Recentes estudos em literatura comparada vêm demonstrando diferentes possibilidades de inter-relação que a literatura possui com outras áreas de estudo. Como resultado, vem sendo evidenciado um crescente número de pesquisas que vêm se apropriando desta *intertextualidade* com o intuito de ampliar os horizontes da literatura e apresentar análises literárias mais apuradas.

Conforme afirma Carvalho (2003), no momento em que a literatura comparada nos permitiu amplas possibilidades interpretativas, novas abordagens críticas sobre as obras literárias passaram a ser estudadas. Nesse sentido, além de lidarmos com o literário, ou seja, a percepção da narrativa como sendo apenas um material linguístico seguido pela sua análise estrutural, passamos a analisar, também, o quanto uma obra

<sup>15</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>16</sup> Acadêmico do curso de Letras – Inglês e Literatura Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista FAPERGS.

apresenta referências sobre o mundo exterior, ou seja, sobre elementos considerados não-literários.

No entender de Carvalhal:

Entendida, pois, mais como uma forma específica de análise de um conjunto de questões particulares do que como um campo disciplinar previamente delimitado, a literatura comparada explora relações não apenas entre textos e autores ou culturas, mas se ocupa com questões que decorrem do confronto entre o literário e o não literário, entre o fragmento e a totalidade, entre o similar e o diferente, entre o próprio e o alheio (CARVALHAL, 2003, p. 11).

Ao deixar transparecer que os estudos daquele ramo literário também se preocupam com o que é exterior à *diegese*, podemos inferir que a reflexão da pesquisadora vai ao encontro dos estudos que versam sobre a relação entre a obra literária e sua relação com o contexto social.

Segundo Antonio Candido, só podemos compreender uma obra se levarmos em consideração a sua relação com o contexto em que ela está inserida, ou seja, o que era antes considerado “externo” passa a ter suma importância.

Hoje sabemos que a integridade da obra [...] só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...] Sabemos, ainda, que o externo [...] importa [...] como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006, p. 13-14).

O enfoque da relação entre a literatura e o contexto está em consonância com os estudos de Theodor Adorno. Segundo o autor, se levarmos em consideração tal relação, poderemos ter uma visão mais ampliada e uma melhor interpretação sobre certos aspectos presentes nas narrativas. Conforme o autor salienta: “[o] momento histórico é constitutivo nas obras de arte; as obras autênticas são as que se integram sem reservas ao conteúdo material e histórico de sua época” (ADORNO *apud* UMBACH, 2013, p. 133).

Levando em consideração as reflexões acima apresentadas sobre a relação entre o texto e o contexto, vamos ao encontro das produções literárias de vários escritores negros norte-americanos que passaram a utilizar o meio literário como uma forma de denúncia e, principalmente, crítica social.

De acordo com Kathryn VanSpanckeren (1993), a literatura afro-americana passou a utilizar-se do meio literário para dramatizar o doloroso passado da escravidão e a exclusão enfrentada pela população negra em solo norte-americano. Além disso, a

autora pontua alguns pontos que exerceram uma importante influência sobre os escritos dessa literatura. Dentre eles, destacam-se: “the search for identity, anger against discrimination, and sense of living an invisible, hunted, underground life unacknowledged by the white majority” (VANSPANCKEREN, 1993, p. 47).

Apesar da sua grande importância ao revisar a visão de que as relações de opressão e submissão devem ser repudiadas (VIANNA, 2008), por estar à margem do cânone literário, a literatura negra enfrenta o silêncio da arte a respeito dos oprimidos, excluídos ou marginalizados da história (FOSTER; CALEGARI; MARTINS, 2013). Considerando essa invisibilidade, faz-se necessário a presença de pesquisas que, como salientado por Calegari (2013, p. 11), procurem “trazer para o centro das discussões acadêmicas aquelas produções colocadas à margem da sociedade e da história”.

É sob essa perspectiva que se destaca no cenário literário o romance *Native Son* (1940), de Richard Wright. O romance nos apresenta uma reflexão sobre a violência e a exclusão presente na primeira metade do século XX em solo norte-americano, contado através da perspectiva de um personagem protagonista que não figurou nas promessas de igualdade e prosperidade do *American Dream*.

Assim, o presente artigo tem como objetivos desenvolver algumas considerações sobre a representação da experiência negra durante o período da segregação racial no romance *Native Son*, assim como procurar apontar as estratégias estéticas presentes na narrativa para problematizar a identidade do seu protagonista.

## **UMA TRAGÉDIA AMERICANA: IDENTIDADE E DIFERENÇA EM *NATIVE SON***

Publicado em 1940, o romance *Native Son*, do escritor afro-americano Richard Wright, descreve o forte preconceito racial presente nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX, assim como a luta pela sobrevivência em um contexto social marcado pela exclusão e a violência.

Seu romance obteve uma grande repercussão, tanto pela crítica literária quanto pelo público leitor. Ao propor uma leitura do livro, Irving Howe, em seu artigo *Black Boys and Native Sons*, argumenta que:

The day *Native Son* appeared, American culture was changed forever [...] in all its crudeness, melodrama, and claustrophobia of vision, Richard Wright's

novel brought out into the open, as no one ever had before, the hatred, fear, and violence that have crippled and may destroy our culture (HOWE, 2003, p. 111).

Corroborando com a reflexão de Irving Howe, Milton Moskowitz, além de analisar o grande sucesso do romance e a genialidade do escritor, salienta que:

Native Son was a commercial as well as a critical success. It sold 315.000 copies in the first three months after publications, was a selection of the Book-of-the-Month Club, was translated into French, German, Italian, Dutch, and Czech, and was adapted for the theater and motion pictures (MOSKOWITZ, 2008, p. 58).

O livro possui como plano de fundo a cidade de Chicago e apresenta como tempo histórico a primeira metade do século XX, mais precisamente o ano de 1940. O enredo centra-se no protagonista Bigger Thomas, um jovem de vinte anos, negro, pobre e com pouco estudo. Dividido em três capítulos: *Fear*, *Flight* e *Fate*, cada seção da narrativa descreve a luta pela sobrevivência de Bigger que, ao assassinar uma jovem branca, torna-se alvo do ódio e do preconceito racial.

Antes de iniciarmos nossa análise do romance, torna-se necessário entendermos a *atmosfera* que envolve os personagens. Ao analisar a sociedade americana após a Guerra Civil, David Mauk e John Oakland salientam que um conjunto de leis segregacionistas, as chamadas Lei Jim Crow, dividiram a população norte-americana em dois polos distintos: os brancos e os negros. Segundo os autores:

[...] racial segregation became public policy [...] most people [...] could not accept black as their equals, and passed laws which denied them social, economic, and political rights and segregated almost everything. These ‘Jim Crow laws’ remained in effect [...] until the 1960s (MAUK; OAKLAND, 1995, p. 108).

Corroborando com as ideias acima apresentadas, Demétrio Magnoli nos apresenta uma detalhada descrição sobre as características dessa chamada “segregação legal”. Nas palavras do pesquisador:

[...] as leis segregacionistas abrangiam o casamento e as relações sexuais, os transportes públicos, os banheiros, as escolas, os hospitais, os hotéis e restaurantes [...] uma lei proibia o intercâmbio de livros entre escolas para

brancos e não brancos: depois de utilizado pela primeira vez por alguém de uma raça, o volume tornava-se de uso exclusivo daquela raça (MAGNOLI, 2009, p. 121).

Tomando por base o contexto social acima apresentado, pode-se dizer que após a abolição, a cultura norte-americana passou a reforçar uma falsa ideia de uma hierarquia racial. Nessa perspectiva, internalizou-se a concepção da sociedade branca como sendo superior e, conseqüentemente, uma imagem inferiorizada ou ridicularizada da população negra. Na narrativa de Wright, são esses os obstáculos que Bigger enfrenta ao longo do romance.

Logo no início da obra, conhecemos o local onde o protagonista reside com sua mãe e mais dois irmãos. Eles vivem em um “tiny-one-room apartment” (WRIGHT, 1993, p. 2), localizado no South Side de Chicago, área destinada à moradia de pessoas negras, também denominada Black Belt. A região onde eles residem apresenta tantos problemas que é comparado a um “garbage dump” (WRIGHT, 1993, p. 7) e os moradores do local, “like pigs” (WRIGHT, 1993, p. 11).

É durante uma reflexão sobre a atual condição social de Bigger que a presença do narrador nos esclarece os sentimentos mais íntimos do protagonista, uma vez que o romance apresenta uma focalização *monoscópica*. A narrativa apresenta um narrador heterodiegético com perspectiva no personagem, ou seja, temos a sensação de estarmos muito próximos do personagem e de sabermos o que se passa no interior do personagem. Assim, podemos observar o sentimento de revolta e, ao mesmo tempo, de inferioridade de Bigger, ao refletir sobre sua família e sua atual situação social:

He hated his Family because he knew that they were suffering and that he was powerless to help them. He knew that the moment he allowed himself to feel to its fullness how they lived, the shame and misery of their lives, he would be swept out of himself with fear and despair (WRIGHT, 1993, p. 9).

Podemos perceber através do fragmento acima que Bigger se autodenomina “powerless” e possui medo em aceitar viver uma vida rodeada de “fear”, “despair”, “shame” e, principalmente, “misery”. Sua mãe acaba o obrigando a trabalhar como *chauffeur* de uma rica família, os Daltons, e é a partir deste momento, em que Bigger ultrapassa as barreiras raciais, que o romance pode vir a nos proporcionar uma reflexão sobre o poder do preconceito e da discriminação sobre a população negra.

Antes de se dirigir à casa dos Daltons, Bigger resolve se encontrar com seu amigo Gus. Ao analisarmos o conteúdo dos seus diálogos, podemos verificar que Bigger se sente completamente inferiorizado ou invisível perante a sociedade.

Em uma das suas conversas, na qual os dois amigos estão observando um avião sobrevoando a cidade, Bigger diz: “I reckon we the only things in this city that can’t go where we want to go and do what we want to do” (WRIGHT, 1993, p. 22).

Seus diálogos refletem o quanto eles são excluídos pela sociedade, assim como a falta de oportunidades dadas ao cidadão afro-americano. Nos seguintes fragmentos: “I could fly a plane if I had a chance”, assim como em “if you wasn’t black and if you had some money” (WRIGHT, 1993, p. 17) percebemos, além de uma crítica ao exército norte-americano que não permitia que negros fossem pilotos, uma grande frustração de ambos os personagens relacionada à identidade negra, uma vez que não há desacordo entre eles quando o protagonista afirma que: “them, white boys sure can fly” (WRIGHT, 1993, p. 16).

O verbo “to fly” usado nesse contexto pode vir a ser interpretado de diferentes formas: a primeira estaria relacionada à possibilidade de americanos brancos terem a oportunidade de serem pilotos; na segunda, o verbo representaria o desejo de uma harmonia interior dos personagens, visto que Bigger argumenta que ele “could fly”. Pelo fato de ser praticamente impossível a realização do seu desejo, por ser negro, simbolicamente o verbo exaltaria a sua incapacidade de realização pessoal e tal incapacidade transforma-se em angústia e tristeza.

Além disso, quando os dois amigos se dirigem ao cinema, eles acabam reforçando a sua inferioridade através das imagens que são apresentadas durante o filme. Enquanto as pessoas brancas são relacionados a palavras como “wealth”, “happiness” (WRIGHT, 1993, p. 34) e “beautiful body” (WRIGHT, 1993, p. 35), no momento em que o filme apresenta a figura de pessoas negras, imediatamente as imagens relacionadas a elas são a de “jungle savages”, “wild” (WRIGHT, 1993, p. 36), assim como referências ao continente africano. Através dessas imagens, podemos ver claramente que o filme se utiliza de estereótipos para reforçar a ideia de inferioridade e selvageria que estaria relacionado à identidade negra.

Ao analisarmos as reflexões do protagonista e a forma como o meio onde ele vive o caracteriza, vamos ao encontro dos estudos que versam sobre os conceitos de identidade, diferença e alteridade.

Conforme apresentado por Barker e Galasinski (2001), o termo identidade pode vir a ser compreendido como sendo um processo de “vir a tornar-se”, e este processo é construído através de práticas sociais. Nessa perspectiva, a identidade passa a ser caracterizada como sendo variável ou fluida, uma vez que ela está relacionada ao modo como nós, o mundo e os outros nos descrevem. Assim, segundo os autores:

[...] we have a true-self, an identity which we possess and which we can become known to us. Identity is thought to be a universal and timeless core, an ‘essence’ of the self that is *expressed* as representations recognized by ourselves and others. That is, identity is an essence signified through sign of taste, beliefs, attitudes and lifestyle (BARKER; GALASINSKI, 2001, p. 28).

Corroborando com as ideias apresentadas acima, vamos ao encontro dos estudos de Charles Taylor (1994) sobre o conceito de identidade. O autor argumenta que o indivíduo só possui uma identidade através do seu reconhecimento, ou seja, através da percepção que as pessoas possuem de si mesmas. Segundo o autor:

[...] nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela [...] O não reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um medo de ser falso, deformado ou reduzido (TAYLOR, 1994, p. 45).

Como pode ser observado, identidade e reconhecimento são elementos indissociáveis e o não-reconhecimento provocaria uma imagem limitada, inferiorizada ou de desprezo do indivíduo. A representação no personagem Bigger Thomas nos revela uma fragmentação de sua identidade – ora ele gostaria de ser branco e ter mais oportunidades, ora sente raiva das barreiras raciais impostas pela sociedade que o exclui. Um bom exemplo que ilustraria seu não-reconhecimento pode ser analisado no episódio em que Bigger e seus amigos planejam assaltar um comerciante. Através do narrador, temos acesso aos pensamentos do personagem que acaba revelando que desistiu do assalto pelo medo que sentia do homem branco: “Bigger was afraid [...] he knew that the fear of robbing a white man had had hold him” (WRIGHT, 1993, p. 46-47).

Podemos observar que o adjetivo “afraid” e o substantivo “fear” descrevem os sentimentos do personagem nos momentos em que ele e seus amigos assaltariam o comerciante. Tal passagem se torna interessante quando a comparamos com outra

revelação de Bigger, feita anteriormente ao assalto. Neste fragmento, o personagem admite que ele e seus comparsas roubavam outros negros sem grandes preocupações:

[...] they had always robbed Negroes. They felt that it was much easier and safer to rob their own people, for they knew that white policemen never really searched diligently for Negroes who committed crimes against other Negroes (WRIGHT, 1993, p. 14).

Assim, comparando os dois fragmentos, é possível verificar que Bigger vê o homem branco como uma força opressora que, ao encobri-lo de medo e fraqueza, acaba produzindo no personagem um sentimento de não-identidade e, conseqüentemente, não-reconhecimento.

No momento em que Bigger começa a trabalhar para a família Dalton, sua identidade e seu reconhecimento começam a se modificar. Desde o momento em que ele chega à residência, sua diferença começa a ser destacada na narrativa. Através da voz narrativa, podemos perceber o estranhamento que Bigger sente ao observar o “mundo branco”: “This was a cold and distant world; a world of white secrets carefully guarded. He could feel a pride, a certainty, and a confidence in these streets and houses [...] only fear and emptiness filled him now” (WRIGHT, 1993, p. 49).

No trecho acima, o personagem deixa transparecer seu distanciamento com a sociedade branca através do uso de ideias opostas. Enquanto o protagonista se identifica com os substantivos “fear” e “emptiness”, o homem branco é caracterizado através dos substantivos “pride”, “certainty” e “confidence”. Nesse sentido, utilizando-se de antíteses para diferenciar o seu mundo do mundo branco, a descrição de Bigger coloca em evidência a sua diferença e inferioridade perante o homem branco. Levando em consideração essa situação, em que o protagonista se encontra ao se autodenominar o “outro”, sua reflexão nos direciona para os estudos sobre a alteridade.

Em seu livro *Presença do outro* (2012), Eric Landowski argumenta que a alteridade só existe na relação interpessoal entre um “eu” e um “outro” e pressupõe a presença de um grupo de referência que investirá sobre uma pessoa ou grupo minoritário, neste caso o “outro”, um conteúdo semântico. Dessa forma, para que haja alteridade, a presença da diferença torna-se importante.

É importante salientar que Landowski chama a atenção para o fato de que o grupo de referência, ao ter uma imagem “hipostasiada, a ser preservado custe o que custar, em sua integridade – ou melhor, em sua pureza original” (LANDOWSKI, 2012,

p. 9), ao internalizar o uso de estereótipos como a descrição do “outro” ou não aceitar a presença da sua diferença, a alteridade, utilizando-se de uma semantização negativa, passa a ser vista como uma ameaça ou uma forma de exclusão.

Ao utilizarmos as reflexões de Landowski sobre a questão da alteridade presente em *Native Son*, podemos verificar claramente o preconceito e a discriminação contra o negro, o outro, imposto pelo grupo de referência, a sociedade branca. Tal característica pode vir a ser interpretada como uma forma para fazer com que o leitor perceba as dificuldades e desafios impostos ao personagem, assim como um artifício utilizado pelo autor para justificar as ações do personagem ao longo da narrativa.

É em seu novo emprego que Bigger conhece Mary Dalton, a filha do Mr. e Mrs. Dalton. Ao assassinar a jovem, os motivos que o levaram a cometer o crime acabam se tornando a ação central do romance, fato que nos leva a duas interpretações possíveis.

Antes da morte de Mary, a narrativa nos descreve que tanto Bigger, Mary e Jan, o namorado de Mary, ao irem a um restaurante no South Side a pedido de Jan, tomam muita bebida alcoólica no local e permanecem bebendo até tarde da noite. Nos seguintes excertos: “the waitress brought the beer”, “Jan ordered a fifth of rum and poured a round” (WRIGHT, 1993, p. 84), “She’s [Mary Dalton] plastered already”, “They [Bigger, Mary e Jan] plastered” (WRIGHT, 1993, p. 89) e na descrição do narrador sobre o efeito da bebida no corpo de Bigger: “his lips were numb. I’m almost drunk, he thought” (WRIGHT, 1993, p. 89), podemos perceber, tanto através das bebidas “beer” e “rum” quanto pelo adjetivo “plastered”, usado para descrever o estado dos três personagens, que eles estavam sobre o efeito do álcool.

Se levarmos em consideração apenas as informações acima, somos levados a interpretar que o assassinato de Mary por Bigger foi um acidente causado tanto pelo efeito da bebida alcoólica, quanto pela presença repentina da mãe cega de Mary, a Mrs. Dalton, no momento em que Bigger estava deixando a moça no seu quarto. Além disso, mais um fragmento da *diegese* nos dá a impressão de que o protagonista sufocou Mary pela situação angustiante que ele passou enquanto estava no quarto da jovem:

He turned and a hysterical terror seized him, as though he were falling from a great height in a dream. A white blur was standing by the door, silently, ghostlike. It filled his eyes and gripped his body. It was Mrs. Dalton. He wanted to knock her out of his way and bolt from the room (WRIGHT, 1993, p. 97).

Nessa passagem, podemos perceber que o narrador, ao descrever as emoções de Bigger, nos transmite uma situação de pavor e angústia. Ao descrever que o personagem foi coberto por um “hysterical terror”, seguido pela descrição de Mrs. Dalton como um ser sobrenatural através do uso do substantivo “blur”, do adjetivo “ghostlike” e, por fim, do advérbio “silently”, somos levados a entender que seu crime pode ter sido ocasionado pelo seu sentimento de medo, desespero e, principalmente, pelo efeito da bebida.

Além disso, se levarmos em consideração o contexto social apresentado na obra, o pavor de Bigger também poderia estar relacionado à proibição que negros tinham de ter qualquer intimidade com pessoas brancas, conforme foi salientado pelos estudos de Demétrio Magnoli. Portanto, até este momento da narrativa, somos levados a acreditar que o crime do personagem foi um acidente e Bigger sufocou Mary pelo medo que sentiu, tanto no momento que avistou Mrs. Danton, quanto pela opressão que sofreria pela sociedade branca ao ser pego violando as leis segregacionistas.

No entanto, se analisarmos o que o protagonista nos informa pela sua reflexão sobre o crime no segundo capítulo do livro, *Flight*, mudamos nosso posicionamento. Como analisado anteriormente, Bigger pode vir a ser visto como uma vítima da situação em que ele se encontrava, mas ao analisarmos o seguinte excerto, o qual representa um momento de transição na narrativa, temos outra percepção:

Though he had killed by accident, not once did he feel the need to tell himself that it had been an accident [...] He had killed many times before, only on those other times there had been no hardly victim [...] all of his life had been leading up to something like this [...] The hidden meaning of his life [...] had spilled out. No, it was no accident, and he would never say it was (WRIGHT, 1993, p. 119).

Através da confissão de Bigger, que o assassinato de Mary Dalton não foi um acidente e que a morte dela é de sua inteira responsabilidade, sua postura passa de vítima das situações adversas, para a representação de um rebelde. Além disso, com a morte de Mary, o protagonista tem sua identidade totalmente modificada, em outras palavras, ele passa a ver significado e confiança em sua vida.

Essa transformação ou renascimento do personagem na narrativa nos revela uma purificação ou libertação dos sentimentos que o atormentavam. No seguinte excerto, podemos verificar a reflexão que Bigger apresenta sobre os efeitos do

assassinato em sua personalidade: “It was a kind of eagerness he felt, a confidence, a fullness, a freedom; his whole life was caught up in a supreme and meaningful act” (WRIGHT, 1993, p. 119).

É interessante salientar que o que o personagem passa a sentir no segundo capítulo do romance, *Flight*, é um sentimento completamente diferente do que ele sentia no primeiro capítulo, *Fear*. Como podemos ver no fragmento acima, sua vida passou a ser preenchida com um sentimento de “eagerness”, “confidence” e “freedom”, enquanto que anteriormente ao assassinato de Mary, sua vida era preenchida pela mistura entre “fear” e “terror”.

Outro excerto do romance, que descreve a purificação dos sentimentos de inferioridade do protagonista, pode ser verificado abaixo quando ele descreve seu novo sentimento ao encarar o homem branco:

Like a man reborn, he wanted to test and taste each thing now [...] feeling giddy and elated [...] his eyes shone. It was the first time he had ever been in their presence [white men] without feeling fearful [...] he was eager, tremendously excited (WRIGHT, 1993, p. 125).

Nesse sentido, o assassinato de Mary proporciona ao protagonista um sentimento de poder e identidade que, anteriormente, ele não possuía. Ao perder completamente seu medo de encarar o homem branco, Bigger passa a usar o próprio preconceito racial que o excluía contra a sociedade branca. Seu plano de culpar o namorado de Mary pelo desaparecimento da garota, sua perfeita interpretação durante os interrogatórios do investigador Britten e seu plano de conseguir dinheiro com a suposta carta enviada pelos “sequestradores” de Mary mostram o quanto a superioridade branca é problematizada no romance.

Ao planejar todas as suas ações, Bigger confessa estar ciente da quebra do estereótipo que o descrevia como um ser sem inteligência: “so deeply conscious was he of violating dangerous taboo” (WRIGHT, 1993, p. 211), afinal, como ele mesmo afirma: “who on Earth would think that he, a black timid Negro Boy, would murder and burn a rich white girl and would sit and wait for his breakfast like this?” (WRIGHT, 1993, p. 120).

Com a intensificação das investigações sobre o desaparecimento de Mary Dalton e, conseqüentemente, uma maior preocupação de Bigger Thomas, o romance passa a nos apresentar alguns elementos alegóricos. Um desses elementos é a fornalha

que Bigger usou para dar um fim no corpo de Mary. A fornalha passa a representar as inquietações e o fluxo de consciência do protagonista. Os fragmentos seguintes ilustram, em diferentes momentos do romance, as descrições da fornalha pelo protagonista.

No momento em que Bigger pensa em ganhar dinheiro com o desaparecimento de Mary, o barulho vindo da fornalha é descrito da seguinte forma:

“heard the fire singing in the furnace” (WRIGHT, 1993, p. 175). Quando o investigador Britten faz uma série de perguntas para o jovem negro, ele revela que: “He glanced quickly at the furnace. It was still very hot, droning”. (WRIGHT, 1993, p. 177). Além disso, no momento em que ele entrega a suposta carta dos sequestradores à família:

“Like an enraged beast, the furnace throbbed with heat”. (WRIGHT, 1993, p. 212). Por fim, quando a polícia descobre os restos mortais de Mary na fornalha, ele acaba admitindo que “he himself was a huge furnace” (WRIGHT, 1993, p. 251).

Como pode ser observado nos excertos acima, notamos uma considerável gradação nas descrições da fornalha. Primeiramente, o verbo “to sing” é usado como uma metáfora para dar uma ideia de uma possível inquietude do protagonista. No entanto, logo em seguida, Bigger usa o advérbio “very”, o adjetivo “hot” e o verbo “to drone” para dar ênfase ao seu estado psicológico que atinge grau máximo quando o protagonista descreve a fornalha com o verbo “to enrage” e com o substantivo “beast”.

Deste modo, todos os recursos utilizados na descrição da fornalha nos levam a entender que Bigger começa a perder totalmente o controle da situação e, principalmente, dos seus sentimentos. Fato que explica o uso do adjetivo “huge” ao se autodenominar uma fornalha.

A partir do momento que a polícia descobre os restos mortais de Mary na fornalha, resultando na fuga de Bigger da casa dos Daltons, outro elemento alegórico é apresentado no romance, a neve.

Ela é apresentada no início do capítulo dois, *Flight*, quando Bigger vai para o apartamento da sua família e começa uma nevasca momentos antes da captura do protagonista. Podemos observar a descrição da nevasca no seguinte excerto: “He went to the window and looked out at the swirling snow. He could hear Wind rising; it was a blizzard all right. The snow moved in no giving direction, but filled the world with a vast white storm of flying powder” (WRIGHT, 1993, p. 223).

A neve que encobre a cidade pode vir a ser interpretada como o poder da sociedade branca sobre o protagonista. Nas cenas que seguem o romance, e no momento

em que Bigger foge e acaba caindo na neve que o encobre, o sentimento de fraqueza que ele sente e, mais tarde, sua captura, reforçam o poder da sociedade branca sobre o negro, representado alegoricamente pela neve: “Snow was in his mouth, eyes, ears; snow was seeping down his back [...] he was himself now; he struggle against the snow, pushing it away from him [...] but he felt too weak” (WRIGHT, 1993, p. 254-255).

Podemos observar que, no momento em que o narrador descreve que Bigger “was himself now” e utiliza o advérbio “too” para intensificar o adjetivo “weak”, o personagem apresenta um retrocesso na narrativa. Em outras palavras, Bigger, acordando do seu sonho de superioridade, volta a apresentar as características que o definiam no início da *diegese*, uma vez que o narrador logo afirma que “there were two Biggers” (WRIGHT, 1993, p. 292).

O último capítulo da narrativa, *Fate*, descreve a tentativa de Boris Max, o advogado de Bigger, que tenta salvá-lo da cadeira elétrica. Ao analisarmos o discurso do advogado no tribunal, percebemos que ele apresenta uma provável revisão dos principais tópicos apresentados ao longo da narrativa.

Max enfatiza que Bigger não é um assassino, mas uma vítima do meio em que ele cresceu e do poder e da dominação da América branca que o excluiu e o desumanizou.

Ao interrogar Mr. Dalton, pai de Mary e dono do prédio que a família de Bigger alugava, Max utiliza-se da ironia para defender a ideia que Bigger é vítima do determinismo social: “Mr. Dalton, do you think that the terrible conditions under which the Thomas Family lived in one of your houses may in some way be related to the death of your daughter?” (WRIGHT, 1993, p. 379).

Além disso, ele é enfático ao defender a ideia de que “we [American society] planned the murder of Mary Dalton” (WRIGHT, 1993, p. 459) e que toda a vida de Bigger foi marcada por um sentimento de ódio e medo, sendo, portanto, assim como Mary, mais uma vítima da cultura americana:

This Negro boy’s entire attitude toward life is a *crime*! The hate and fear which we [american society] have inspired in him, woven by our civilization into a very structure of his consciousness, into his blood and bones, into the hourly functioning of his personality, have become the justification of his existence (WRIGHT, 1993, p. 466).

Apesar de todos os argumentos usados por Max, no fim do romance *Bigger* acaba sendo condenado pela morte de Mary e mandado para a cadeira elétrica. No entanto, pelo fato do romance apresentar um final em aberto, não sabemos se Bigger pode vir a ser interpretado como uma vítima da opressão social ou como um herói, que ousou ultrapassar as fronteiras raciais de seu país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o romance *Native Son*, buscou-se verificar como a experiência negra durante o período da segregação racial nos Estados Unidos é representada na obra, assim como apontar as estratégias presentes na narrativa para problematizar a identidade do protagonista.

Através do personagem Bigger Thomas, foi possível perceber as situações de desrespeito e as humilhações enfrentadas por ele devido à sua classe social e, principalmente, por ser negro em um contexto social marcado pelo preconceito racial. Além disso, por apresentar uma narrativa focalizada em apenas um personagem, o protagonista, foi possível ter uma melhor visão sobre as vicissitudes pelas quais Bigger enfrentou, assim como a sensação de compartilharmos seus medos e angústias ao longo da narrativa. Nessa perspectiva, a obra nos proporciona um maior interesse e atenção sobre o personagem e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o poder e a dominação utilizados pela sociedade branca para vitimar e excluir a população afro-americana.

O estudo da obra de Wright nos permite inferir que seu protagonista é influenciado e vitimado pelo ambiente que o cerca, ou seja, o romance viria a representar uma crítica ao determinismo social que acabou levando o personagem a sua morte. Tal característica vem a complementar os estudos de Philip Goldstein (2008) e Isabel Soto (2009) que afirmam que Bigger pode ser compreendido com uma trágica vítima das influências sociais, econômicas e culturais da sociedade norte-americana.

Pode-se verificar, na análise realizada, que a identidade de Bigger é construída e desconstruída em diferentes momentos da *diegese*. A primeira, marcada pela inferioridade e não aceitação da sua condição social, que o personagem sente no início do romance; a segunda, quando ele assassina Mary e sente-se superior e, por fim, o seu retorno ao sentimento de não-identidade e inferioridade, que o caracterizavam no início da narrativa e no momento em que Bigger é preso e condenado à morte. Tais fatos viriam a classificar o protagonista de *Native Son* como “a imagem do homem

moderno privado de identidade”. (BRADBURY, 1991, p. 115). Ao analisarmos a fragmentação da identidade do protagonista, vamos ao encontro dos pressupostos teóricos de Stuart Hall e Kathryn Woodward (2009).

Ao utilizarmos as reflexões de Stuart Hall sobre a representação da identidade de Bigger ao longo do romance, podemos inferir que ela viria a ser classificada como a identidade do sujeito pós-moderno. Segundo Hall (2006), esse tipo de identidade caracteriza um sujeito que apresenta uma identidade que se torna uma “celebração móvel”, ou seja, o sujeito seria caracterizado pela descontinuidade e pela fragmentação, uma vez que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Assim como argumentado por Hall, Kathryn Woodward (2005) também pontua algumas considerações sobre a construção da identidade. No entendimento da autora, a identidade é relacional e marcada pela diferença, ou seja, é através da prática e das relações sociais que irão informar ao indivíduo quem será excluído e incluído.

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades [...]. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído (WOODWARD, 2005, p. 14).

São justamente as reflexões acima abordadas que viriam a descrever a identidade que Bigger apresenta no romance. No momento em que ele percebe que sua diferença, ser negro em um ambiente dominado pelo homem branco e pelo ódio racial, o coloca em uma posição de completa inferioridade e invisibilidade, sua identidade negra torna-se um fardo para o personagem, obrigando-o a assumir, como Hall exemplificou, diferentes identidades em diferentes momentos da *diegese*, fato esse que acaba desumanizando-o e levando-o à morte.

Portanto, através da análise apresentada, podemos concluir que a construção e a problematização da identidade do protagonista de Richard Wright assinalam uma visão pessimista em relação ao diferente, ao “outro”. Deste modo, *Native Son* propõe-nos uma análise crítica sobre a configuração da sociedade americana e uma reflexão sobre o poder devastador do preconceito racial.

## REFERÊNCIAS

BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. **Cultural studies and discourse analysis: a dialogue on language and identity**. London: SAGE Publications, 2001.

CALEGARI, Lizandro Carlos. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. In: FOSTER, William David; CALEGARI, Lizandro Carlos; MARTINS, Ricardo André Ferreira (org). **Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, pp. 11-36.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

FOSTER, William David; CALEGARI, Lizandro Carlos; MARTINS, Ricardo André Ferreira (org). **Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

GOLDSTEIN, Philip. Richard Wright's Native Son: from Naturalist protest to modernist liberation and beyond. In: **New directions in American reception study**. New York: Oxford University Press, 2008, pp. 12-34.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOWE, Irving. Black boy and native sons. In: **Ralph Ellison**. Broomall: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 109-112.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro. Ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAUK, David; OAKLAND, John. **American civilization: an introduction**. New York: Routledge, 1995.

MOSKOWITZ, Milton. The enduring importance of Richard Wright. In: **The journal of blacks in higher education**. No. 59, Spring, 2008, pp. 58-62.

SOTO, Isabel. White people to either side: Native Son and the poetics of space. In: **The black Scholar**. Vol. 39, No. 1-2, Spring/Summer 2009, pp. 1-29.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto PIAGET, 1997.

UMBACH, Rosani Ketzer. Mulheres excluídas: o papel da sociedade autoritária na constituição do indivíduo. In: FOSTER, William David; CALEGARI, Lizandro Carlos;

MARTINS, Ricardo André Ferreira (org). **Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, pp. 129-149.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Outline of American Literature**. Washington: U.S. Department of State, 1994.

VIANNA, Vera Lucia Lenz. “I know why the caged bird sings”: da opressão à insubordinação. In: UMBACH, Rosani Ketzer (org). **Memórias da Repressão**. Santa Maria: UFSM, PPGL- Editores, 2008, pp. 217-229.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WRIGHT, Richard. **Native Son**. New York: HarperPerennial, 1993.